

Trabalhadores brasileiros na Guiana Francesa: entre a invisibilidade e o desemprego

Christianni Lacy Soares, Betiana de Souza Oliveira e Manoel de Jesus de Souza Pinto

RESUMO: O artigo é resultado de um estudo sobre a migração de brasileiros para a Guiana Francesa, na fronteira franco-brasileira cujo imaginário do “Eldorado” impulsiona um fluxo migratório contínuo. Analisa-se as relações de trabalho vividas por migrantes clandestinos, suas estratégias de inserção e permanência no mercado de trabalho, as relações sociais cotidianas, e as tensões de viver excluído e inserido num espaço plural que é a fronteira. Utilizam-se procedimentos metodológicos qualitativos via observação de campo e entrevistas, e quantitativos na coleta de dados primários e formulação do perfil do trabalhador pesquisado. Os depoimentos destes clandestinos revelam pessoas que vivem um paradoxo, entre a invisibilidade em território estrangeiro e o desemprego a que são submetidos no Estado brasileiro. A vida de brasileiros na Guiana Francesa é de clandestinos imersos em clandestinidade.

Palavras-chave: Fronteira, migração, trabalho e clandestinidade.

ABSTRACT: The article is the result of a study on migration of Brazilians to French Guiana, on the Franco-Brazilian whose imagery of "Eldorado" pushes a continuous flow of migrants. It analyzes labor relations experienced by illegal migrants, their strategies for entering and staying in the labor market, the everyday social relations, and tensions of living deleted and inserted in a plural which is the border. It uses qualitative methodological procedures via observation and interviews, and quantitative data collection and formulation of the primary profile of the worker search. The testimonies of people living underground reveal a paradox between the invisibility in a foreign country and unemployment that are submitted in the Brazilian state. The life of Brazilians in Guyana is immersed in a clandestine underground.

Keywords: border, migration, labor and underground.

1 Introdução

A sociedade atual tem refletido sobre o crescente processo de deslocamento humano pelo globo. O mundo está cheio, diz Bauman (2005), e as estatísticas de migração internacional cogitam 220 milhões de pessoas que vivem fora de seus países de origem (CLEMENTE, 2009, p. 146). “There are over 3.1 million Brazilians living outside of

Brazil, according to Brazilian Ministry of External Relations (Itamaraty)¹”, anunciou a revista Forbes em 25 de julho deste ano. Esses são impactos do fenômeno da migração internacional, induzida pelo movimento globalizante da modernidade.

São números que demonstram um fenômeno multifacetado, e uma variedade de grupos e indivíduos que vivem a mobilidade como forma de fugir da exclusão social. Talvez seja por isso que existam dificuldades em caracterizá-los de forma homogênea, visto que faz parte de um movimento que nas últimas décadas tem sido associado a circunstâncias e motivos vinculados ao próprio contexto da modernidade. Entende-se que esta é uma questão desencadeada pela desestruturação das relações de trabalho em função da reestruturação do modelo de racionalidade econômica do capitalismo, que mesmo com a bandeira da globalização dos espaços econômicos, não diminui as desigualdades, pelo contrário, criou novas categorias de excluídos, os imigrantes clandestinos, os refugiados, os descartáveis, o refúgio da modernidade.

O aumento do desemprego estrutural submete uma parcela significativa de trabalhadores, que embora excluídos do mercado formal de trabalho, se vêem numa luta constante para se inserirem, ou mesmo buscar alternativas de prover sua existência. A sociedade do capital não mais preconiza sua base de sustentação somente nas relações estáveis do trabalho, ao contrário, eleva sua capacidade de usufruir do subtrabalho, terceirização, *part-time* e temporário (ANTUNES, 2007), até mesmo da informalidade e ilegalidade. Paralelamente, acentua-se a nível mundial o que Silva (2004) caracteriza como desterritorialização do trabalhador, considerando o crescente fenômeno da migração por trabalho.

Estudar o fenômeno da migração de trabalhadores brasileiros em direção à países desenvolvidos, e seus possíveis impactos no mundo atual, tem sido o intento de pesquisadores na atualidade², revelando o fetiche do emprego em países ricos como Estados Unidos, Canadá, França, Portugal e outros. Pesquisas que tentam descortinar temáticas como: a tipologia desses imigrantes; as representações e relações sociais entre imigrantes brasileiros, e desses com os nativos; a invisibilidade do trabalhador clandestino; os campos de trabalho ocupados pelos brasileiros; motivações da partida; estratégias de inserção no mercado de trabalho e permanência em território estrangeiro. Estes são alguns aspectos abordados, no conjunto de pesquisas realizadas sobre o fenômeno. Este artigo expõe a análise desses temas em outra rota de migração de brasileiros, qual seja, a migração de trabalhadores brasileiros para a Guiana Francesa, Departamento Ultramarino francês que faz fronteira com o Estado do Amapá, na região norte do Brasil.

O artigo ora elaborado compõe os resultados de investigações realizadas desde o ano de 2006 pelo Grupo de Pesquisa em Relações de trabalho, Migração e Políticas públicas na fronteira entre o Estado do Amapá e a Guiana Francesa, vinculado ao Programa de pós-graduação em Desenvolvimento Regional da Universidade Federal do Amapá (UNIFAP). No caso específico deste trabalho, apresentam-se os resultados

¹Há mais de 3.1 milhões de brasileiros vivendo fora do Brasil, segundo o Ministério das Relações Exteriores (Itamaraty). (tradução nossa).

²SALES (1999, 2005); RAMOS (2003); ALMEIDA e REIS (2007) e outros.

de pesquisa de campo realizada nos dias 24 a 30 de setembro de 2010 na cidade de Caiena – GF/FR, nos bairros Matinha e Troubirrand, em áreas invadidas por imigrantes brasileiros e de outras nacionalidades. Utilizam-se procedimentos metodológicos qualitativos via observação de campo, por ocasião de estadia no bairro Troubirrand, e realização de sete entrevistas escolhidas entre os moradores. Também quantitativos na coleta de dados primários e formulação do perfil do trabalhador pesquisado. Foram aplicados 48 formulários entre os moradores dos dois bairros citados. Ressalta-se que devido a situação de clandestinidade, não é possível trabalhar com uma amostra prévia, em função do desconhecimento do número de brasileiros ilegais nestas áreas.

Por meio deste estudo, pode-se expor na seqüência deste artigo o perfil do imigrante brasileiro na cidade de Caiena, suas motivações de migração emergida no imaginário que envolve o “ouro” e o “euro”, como argumenta Police (2010) o lendário “Aldorado”, os postos de trabalhos ocupados, condições de vida, as estratégias de migração, inserção e permanência no território guianês. No intento de mostrar as dificuldades do ser imigrante clandestino, e sua “invisibilidade” compulsória tanto no país de destino como de origem.

2 A força de trabalho brasileira em Caiena: o perfil do imigrante

A questão migratória para a Fronteira entre a Guiana Francesa (FR) e o Amapá (BR) consiste em um elemento de construção desse território ao norte da floresta amazônica, seja por migração planejada e incentivada pelo Estado no intento de promover seu povoamento ou migração espontânea induzida por fatores econômicos (PIANTONI, 2009). A fronteira da Guiana Francesa com o Brasil se estende por uma superfície de 91.000 km². Sua localização está ao norte da América do Sul, na costa do oceano Atlântico, com 378 km de litoral, entre Brasil e o Suriname são 730 e 510 respectivamente (PINTO, 2008), um território marcado pela história de intensas disputas entre Brasil e França, cujo desfecho deu ao Brasil, em 1900, a posse definitiva do território do Estado do Amapá.

A Guiana Francesa desde o período das expedições colonialista foi colônia da França, mas pela lei de departamentalização de 1946 tornou-se Departamento Ultramarino Francês (DUF ou DOM³), processo político que atribuiu ao território mesmo status que os Departamentos franceses no continente europeu (D’HAUTEFEUILLE, 2009). Sua



Figura 1: Mapa de ilustração e localização da fronteira entre o Estado do Amapá/BR e o Departamento da Guiana Francesa/FR. **Fonte:**

³ Département d’Outre-mer.

população atual segundo o *Institut National des Statistiques et des études Économiques*⁴ (INSEE) é de 215.036 habitantes; no total possui 22 communes⁵. As principais cidades da Guiana Francesa são: Cayenne, 58.369 hab.; Saint-Laurent du Maroni, 34.336 hab.; e Kourou, 25.918 hab. (INSEE, 2009).

Os números demográficos são baixos em relação ao Amapá (669.526 hab.)⁶, por exemplo, e segundo análises de Piantoni (2009) dada está incipiência demográfica da região, o movimento de migração ao longo da história deste Departamento foi um importante elemento de seu desenvolvimento, concernente a ocupação do território e a gestão de atividades econômicas dependentes de mão-de-obra importada. A população estrangeira na Guiana recenseada em 2006 foi de 77.704 habitantes, cerca de 36% da população, concentrados principalmente na capital Caiena, destacada pela figura 2 ao lado. Desse total de estrangeiros, 22% (16.883) declararam nacionalidade brasileira (INSEE, 2006). Em 2008, o INSSE recenseou 81.597 estrangeiros vivendo no Departamento⁷, nestas estatísticas não são computados os clandestinos.



Figura 2: Mapa da divisão política da Guiana Francesa, por Communes. Fonte:

Quando analisado o processo de migração dos brasileiros para a Guiana, registrado por outros trabalhos, percebe-se que o contexto e as motivações se modificaram. Hoje não se encontra as facilidades de entrada e oportunidades de trabalho que no início tiveram os primeiros imigrantes, como no relato a seguir:

“olha, eu vim para a Guiana Francesa em 67 porque naquela época era tão fácil, eu vim até com uns amigos, numa embarcação (...) eu disse: vou experimentar ficar um mês, e estou até hoje lá. (...) na primeira vez eu fui clandestino, naquela época era como se você chegasse no Brasil, não tinha quase ninguém lá. Sou legalizado, eu tenho todos os meus documentos e só estou lá porque sou legalizado. Eu nunca fiquei desempregado na Guiana um dia”. (Amapaense, 67 anos, chegou à Caiena em 1968)

O relato acima é exceção, no rol de imigrantes entrevistados durante a pesquisa. A maioria deles (65%) chegou à Caiena na primeira década deste século, 38%, de 2000 a 2004 e 27%, de 2005 a 2009. Não se pode identificar, os motivos de se intensificar a migração após 2000 e haver baixa entre 2005 e 2009. Mas, ressaltamos que entre 2000

⁴ Instituto Nacional de Estatísticas e Estudos Econômicos. Recenseamento publicado em janeiro de 2009.

⁵ Divisão geopolítica semelhante ao município como ente federativo do Brasil.

⁶ Segundo os resultados do censo 2010, realizado pelo Instituto Brasileiro de Geografia e Estatística (IBGE).

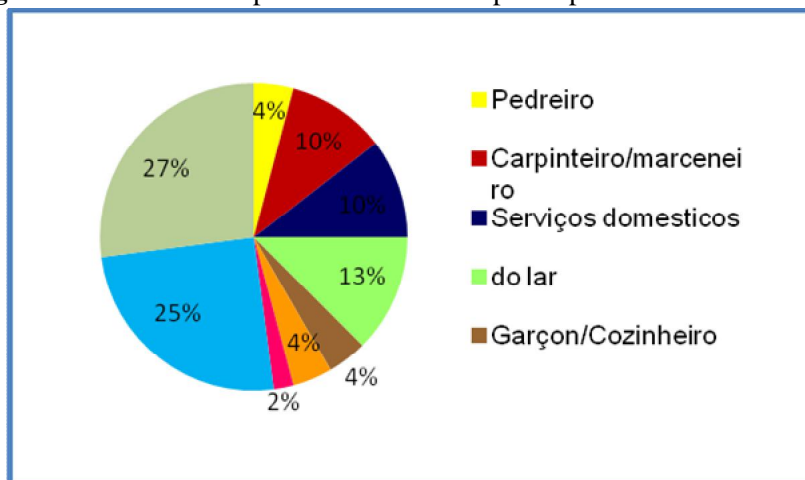
⁷ Não encontrou-se no site do INSSE, números computados de estrangeiros de acordo com sua nacionalidade em 2008, por isso não se pode fazer referência ao aumento ou não de brasileiros na Guiana Francesa.

e 2004 o euro, moeda comum da União Européia, passou a ser a moeda oficial da França e com alta cotação no mercado. E entre 2005 e 2009 houve a intensificação da fiscalização e combate a migração ilegal na Guiana Francesa por parte das autoridades francesas. Estes são fatos que não se pode deixar de considerar para justificar os números aqui apresentados, e notar que, esse fluxo migratório nos últimos 10 anos é significativo e constante, mesmo com o acirramento da fiscalização e do aumento do valor do real em relação ao euro, que atualmente oscila em torno de R\$ 2,05.

A presença significativa de brasileiros compondo a população guianense justificou-se anteriormente pelo mercado da construção civil em Caiena e Kourou que absorveu a maioria desses trabalhadores no período da década de 60 a 80 do século passado. De acordo com Arouck (2001) os imigrantes brasileiros foram considerados pelos guianenses trabalhadores hábeis nos serviços de construção civil, principalmente na marcenaria e carpintaria, alguns inclusive tornaram-se trabalhadores autônomos, os chamados *artisans*, atualmente trabalham como subempreiteiros. Os brasileiros se destacaram também em atividades como: a pesca, extração de madeira, agricultura, além da atividade mineradora como o garimpeiro.

De acordo com a figura 3, pode-se distinguir uma mudança considerável em relação aos campos de trabalhos ocupados pelos brasileiros. Observa-se a desconcentração dos trabalhadores do setor de construção civil propriamente, com os percentuais de 4% como pedreiro e 10% como carpinteiro ou marceneiro. No entanto, as categorias de serviços gerais (25%) e outras atividades (27%), juntas somaram 52% da condição de ocupação dos entrevistados, situações estas que revelam o nível de instabilidade profissional desses imigrantes, que como Bauman (2005) destacou são “imigrantes econômicos”, migram fugindo do desemprego e exclusão em seu país de origem. No caso aqui apresentado, o imigrante se vê diante da escolha entre o título de cidadão brasileiro, desempregado, excluído e descartável, ou o título de clandestino na Guiana Francesa, e reaproveitado no subtrabalho informal e precarizado, mas garantindo “trabalho” e dinheiro para a sobrevivência da família.

Figura 3: Gráfico dos tipos de trabalhos ocupados pelos brasileiros na cidade de Caiena – GF.



Fonte: pesquisa de campo, 2010.

Enfatiza-se também o crescente número de mulheres imigrantes no DUF, como indicado por Pinto (2009), há uma feminização da migração brasileira para Guiana

Francesa, antes predominantemente masculina. Apesar do estigma sobre as mulheres brasileiras envolto no “mercado do sexo”, o campo de trabalho para essas imigrantes se diversifica em áreas do setor doméstico, vendas, restaurantes, beleza (cabeleireiras, manicure e pedicure), e outros.

Também Martins (2010) em sua análise antropológica das relações e representações sociais entre imigrantes na Guiana Francesa, ao reportar-se sobre suas observações relacionadas à “casa” como espaço de solidariedade e do “não-lugar”, indica a figura da mulher como personagem central e predominante dentro dessas relações entre os clandestinos e os legalizados, presença inclusive demonstrada pelo percentual de 56% de mulheres migrantes na cidade de Cayenne contra 44% de homens⁸, números que demonstram uma mudança significativa diante da predominância masculina, constatado por Arouck (2001). E os locais onde elas podem ser encontradas são os mais inusitados, como exemplifica a figura ao lado.

É interessante notar, que os campos de trabalhos ocupados por brasileiros se restringem às atividades com nível de escolaridade e profissionalização menos valorizadas pelos cidadãos franceses, são poucos os brasileiros bem sucedidos no DUF. Pinto (2008, p. 115) resume o assunto, apontando que “todos acabam obedecendo à lógica da desqualificação, do baixo nível cultural e com pouca escolaridade”, e isso se aplica não só aos novos imigrantes, em maioria ilegal, como a primeira geração de brasileiros na Guiana. 63% dos entrevistados possuem o ensino fundamental incompleto, a maioria estudou somente até a 4ª série, 33% chegou a cursar ensino médio e 4% são analfabetos. Este percentuais de escolaridade endossa as argumentações acima indicando que a maioria dos entrevistados podem ser considerados semi-analfabetos, como é o caso a seguir, cujo entrevistado fala francês, *créole* e português, mas sabe minimamente ler e escrever nestes idiomas, chegou a fronteira com a idade de 9 anos, a convite de um amigo para trabalhar na década de 60, em sua fala se percebe certa relutância em admitir sua carência educacional, caso comum entre os brasileiros, principalmente em Cayenne, cujo sonho é oferecer aos filhos melhores oportunidades de estudos.

Abandonei a escola. Abandonei tudo e vim embora. Se eu falar pra você, vai dizer que é minha mentira, mas é verdade. Eu estudei até a primeira série de lá e pronto. Aqui eu aprendi a falar o francês e o creoulo, mas ler? Só um pouquinho. (Amapaense, 59 anos, legalizado, chegou na fronteira na década de 60, e mora em Cayenne). (OLIVEIRA, 2011, p. 75)

O universo que envolve o fenômeno da imigração é de fato complexo. Os imigrantes aqui estudados levam na bagagem baixa qualificação profissional e o sonho de melhorar de vida em terra estrangeira. O sonho de melhorar de vida parece ser o ponto em comum de todos os imigrantes, mas observa-se que os imigrantes estudados por pesquisadores como Sales (1999), Ramos (2003) e, Almeida & Reis (2007), predominantemente, são brasileiros que cursaram ou possuem ensino superior, ou no

⁸ O fenômeno também pode ser explicado pela maior receptividade das mulheres na pesquisa de campo do que dos homens em se expor e dar entrevistas.

mínimo tem ensino médio completo, direcionam-se para países como Estados Unidos e Canadá, vindos de regiões do Brasil como sudeste e sul. Foi constatado por essas pesquisas, que esses imigrantes abandonaram empregos, considerados de alta qualificação profissional e remuneração no país. São pessoas de classe média em sua maioria. Mas, optaram por se aventurarem em países de primeiro mundo para auferir melhores salários nos mesmos postos de trabalhos que os imigrantes brasileiros em Caiena: serviços gerais, domésticos e construção civil, rejeitados pelos nativos desses países.

Diferente destes perfis de imigrantes acima citados, os brasileiros em Caiena, são provenientes da classe pobre e miserável, aqueles que não estão nem no “exército de reservas”, são os excluídos dos padrões de inclusão da sociedade moderna, “incapazes de consumir” (Bauman, 2005). Esses imigrantes provem das regiões norte e nordeste do Brasil, mas atualmente os Estados do Pará (46%) e Amapá (37,5%) aparecem como principais regiões de origem. Os postos de trabalhos que ocupam em território guianês são os mesmos exercidos no Brasil antes da migração.

[...] classiquement, les immigrés interrogés dans le milieu urbain (cas de Cayenne) sont majoritairement issus des Etats fédéraux d’Amapá et du Pará. Les deux capitales, Macapá et Belém, alimentent un flux constant d’immigrants légaux, illégaux et clandestins (PIANTONI, 2009, p. 118).⁹

A motivação de se aventurar dessa nova geração de imigrantes em Caiena está relacionada aos familiares já estabelecidos na cidade (48%), e poderem de alguma forma trabalhar no DUF (38%). Fenômeno que corrobora com as argumentações de Police (2010), para quem a Guiana exerce um poder simbólico como “Éldorado” aos trabalhadores brasileiros, mesmo estes não tendo as vantagens anteriormente usufruídas. O fato de o Departamento fazer parte de um país desenvolvido e economicamente forte parece ser suficiente para atrair esses trabalhadores que não encontram no Brasil condições melhores de auferir seu sustento, e tem “oportunidade” de serem absorvidos em atividades laborais informais e de pouca qualificação profissional.

Diferente dos primeiros brasileiros, que migraram em função apenas do trabalho ofertado, sem nenhum conhecimento ou familiar, e migraram na intenção de não permanecer, e sim conseguir acumular rendimentos suficientes para sustentar a família que ficava no Brasil. Os novos imigrantes, mesmo na condição de clandestino, tendem a perceber a Guiana Francesa como seu lugar, sua casa, e estão estabelecidos com suas famílias em áreas ocupadas predominantemente por brasileiros. Com isso, o movimento de migrar que inicialmente era uma condição temporária, passa a ser permanente, como argumenta Ramos (2003), ao fazer a análise de imigrantes brasileiros em Toronto, Canadá. Mas, a constatação de sua argumentação foi feita em sentido diferenciado, pois ao contrário dos brasileiros em Caiena, o que determinou a

⁹ [...] classicamente, os imigrantes investigados no meio urbano (caso de Cayenne) são majoritariamente dos Estados Federais do Amapá e do Pará. As duas capitais, Macapá e Belém, alimentam um fluxo constante de imigrantes legais, ilegais e clandestinos. (tradução nossa).

mudança da condição temporária para permanente foi a distância dos familiares, e o estabelecimento de novas relações sociais no país de destino.

Atualmente a maioria dos imigrantes brasileiros se desloca para o DUF de forma ilegal, suas relações de trabalho são informais e sua existência é ocultada, eles compõem a população invisível da Guiana Francesa, porém esta invisibilidade tornou-se perceptível, como será destacado adiante, pela adaptação e sentimento de pertencimento dos brasileiros ao território guianês, vivendo numa espécie de criminalização da condição de ser imigrante, circunscritos na política de (anti) imigração do Estado francês, mas lutando para permanecer. Um grande paradoxo, pois parece que o brasileiro que é excluído em sua terra, luta para ser incluído em terra estrangeira.

3 Intolerância e tensão da vida clandestina

As dificuldades dos imigrantes clandestinos em busca de trabalho na GF começam já no seu deslocamento e travessia da fronteira para o DUF. Entre o final do século XX e início do século XXI, as formas de entrada ilegal tem se diversificado e causado conflitos dramáticos pela intensificação de políticas de combate a migração clandestina na Guiana Francesa. Pessoas atravessam diariamente o rio Oiapoque na tentativa de chegar a Caiena, podendo ser efetuado via mar (Oceano Atlântico) ou floresta (mata amazônica), essas rotas registram conflitos e dramas de clandestinos e até mesmo vidas ceifadas ao longo da história da fronteira entre Amapá e Guiana Francesa.

A rota pelo mar é ainda utilizada pelos clandestinos, mas sua utilização foi muito mais intensa nas décadas de 80, 90 e início do século XXI, pois não havia conexão terrestre entre Saint George e Régina, ambas communes¹⁰ da GF. Segundo Arouck (2001) a travessia marítima vitimou muitos imigrantes, acidentes costumam ser frequentes, dado que as ondas são violentas, mas nos períodos citados anteriormente era o meio mais barato de deslocamento. E a travessia terrestre é feita via “navette¹¹” ou carros clandestinos, a metade do trajeto muitas das vezes é feita a pé pela mata durante a noite para não serem capturados pela PAF¹². Seja via mar ou floresta, a migração ilegal tem formado redes de “atravessadores de clandestinos” que fomentam e incitam imigrantes a se aventurarem no intento de manter sua atividade, também ilegal (MARTINS, 2010). Como narra, a seguir, uma maranhense de 52 anos que chegou à Caiena em 2003:

“eu resolvi trazer meus dois filhos e deixar uma filha lá em Macapá. Quando eu cheguei no Oiapoque, umas 4 horas da madrugada, chegou um Sr. canoero e disse: olha, a sra. vai pra Caiena, ali tem um Sr. que veio deixar um pessoal que é trabalhador, dá certinho para a senhora e os seus filhos. Peguei a catraia e fui com meus dois meninos [...] aí o Senhor cobrou 80 euros, porque era só a passagem do que tinha 15 anos. Nós pegamos um carro, mas no caminho entrou um Senhor que

¹⁰ Divisão geopolítica semelhante ao Município como ente federativo do Brasil.

¹¹ são microônibus que comportam no máximo oito passageiros, mas por vezes acendem esse número.

¹² Police de l'air et des Frontières.

disse que tinha o VISA, pego o carro e veio embora. Já era umas cinco horas quando chega ali na ponte do Regina a polícia parou agente, ai o Sr. disse: sujou! eu vou dizer que a senhora é a minha esposa e os meninos são meus filhos e o rapaz é teu sobrinho ou é teu primo, tudo bem! O policial pegou todos os documentos, ai ele foi e disse: quem é essa senhora ai?..ora é minha esposa e esses são meus filhos. Mas ele perguntou pro rapaz e ele ficou nervoso ai eles puxaram ele pra trás, e perguntaram para o rapaz quanto ele tava pagando pelo transporte, ai ele disse 50, então ele entregou a bocado logo. [...]”.

A questão mais grave levantada por Arouck (2001), Pinto (2009) e Martins (2010) refere-se às condições de residência dos brasileiros em Caiena. O custo para comprar ou mesmo alugar um imóvel na cidade é muito elevado, até mesmo para quem é legalizado. Esta situação agregada à clandestinidade fomentou a invasão de áreas sem planejamento habitacional, formando áreas faveladas, habitadas por imigrantes clandestinos, a maioria de brasileiros. São áreas sem estrutura mínima de saneamento e abastecimento de água e energia, captados de forma clandestina. As casas são improvisadas, feitas de restos de madeira e zinco, como observados na foto da figura 5.



Figura 4: Imagem da área de invasão no bairro Troubirand. Fonte: pesquisa de campo, 2010.

“Aqui é uma vila de brasileiros. É como fala no Brasil é tipo uma invasão. No caso não pode ser construído em alvenaria, porque senão corre o risco de eles *derrubar*. A minha casa também corre risco de sair, mas como eu tenho documento o governo fala que vai me colocar num apartamento. A polícia vive por aqui ...eles fazem o controle de que não tem documento. Aqui não é permitido fazer invasão, mas como no Brasil todo mundo faz os seus casebres... e o estilo é o mesmo.. é de madeira” (Paraense, natural de Chaves, 34 anos, chegou à Caiena em 2000).

O problema de encontrar uma moradia não se restringe apenas aos brasileiros que vivem ilegais em Caiena, mas também para aos que tem *Carte de Sejour*. Segundo Martins (2010), situação ainda pior é a de muitos trabalhadores clandestinos na construção civil que não conseguem nem ao menos esses lugares para morar, e vivem nos canteiros de obras, ou alugam um cômodo, em alguns casos até mesmo um espaço que mal cabe um colchonete, em casas de brasileiros legalizados que oferecem alojamento por 100 euros ao mês. Essas “casas” são identificadas e analisadas pela autora como um dos espaços de relações sociais dentro das experiências vividas por esses imigrantes no DUF, ao mesmo tempo um lugar de solidariedade e intolerância na tensão da vida clandestina. Esta situação é confirmada por um paraense de 29 anos que no ano 2000 decidiu trabalhar em Caiena na construção civil:

Lá em Cayenne, na construção civil, fui diretamente para uma obra, num lugar chamado Balatar. E lá a gente fica isolado, como igualmente uma prisão. Nós ficávamos na obra, só coberto mesmo, um barraco coberto de telha, fechado. A gente ficava lá. [...] A gente correu varias vezes para o mato quando chegava o carro da *Gendarmerie*. A gente corria para o mato. (OLIVERA, 2011, p. 112)

Os clandestinos, não enfrentam apenas a realidade de estarem ilegais e desempregados em território estrangeiro, mas a individualidade e intolerância dos legalizados e nativos, que muitas vezes usufruem de sua condição para explorar seu trabalho, vivem em constante tensão na expectativa de a qualquer momento serem pegos e extraditados, dado ao acirramento do combate aos ilegais na Guiana francesa pelo Estado francês na ultima década. Como conta um amapaense de 62 anos e que chegou à Caiena em 2002:

“Eu já fui pego quatro vezes, com oito anos que eu estou aqui já fui expulso [...]. Eles trataram como devem tratar mesmo, a gente sabe que sem documento a gente não tem direito a certas coisas, não me maltrataram. Eu só acho ruim porque eles algemam a gente, vai preso como que seja um bandido. Eu acho que a gente não merece ser assim, não era pra eles fazerem assim. Mas, a gente tá num país estrangeiro, então a gente tem que cumprir as ordens deles [...] algemam gente, é o que eles fazem demais, não bate, não agrediram, and unemployment dão comida e dão água, no *Rochambeau*, no Centro de Detenção (risos). Olha lá não é uma cadeia assim de tá na grade, é só porque a gente tá vigiado pela polícia ali. É um departamento, é um prédio. Então, a gente fica tudo ali dentro daquela área, cercado tudo de arame. [...] ai a gente fica até determinada hora, até eles mandarem a gente ou de avião, ou de carro”.

Para Pinto (2008, p. 203) desvendar essas experiências e compreende-las não é tarefa fácil, visto que diante das “diversas situações de desespero enfrentadas por esses imigrantes ilegais; jamais chegaremos, pelo menos perto, de seus sofrimentos reais, de suas situações-limites, de suas dores físicas e morais”. No entanto, o fascínio pela possibilidade de melhores condições de vida e trabalho na Guiana Francesa obriga estes brasileiros a embarcarem nesta viagem clandestina. Esse trabalhador ao chegar ao território francês recebe toda uma carga de estigma pela sua própria condição de clandestino, enfrentando diversas dificuldades de inserção no mercado local, que se torna cada vez mais exigente quanto à legalização trabalhista.

Outro entrave para esses imigrantes é o aprendizado da língua francesa. Como muitos brasileiros mesmo vivendo na Guiana Francesa há alguns anos não falam o francês, torna-se mais difícil conseguir a legalização. Como no relato a seguir brasileira legalizada, e que frequenta um desses cursos na Guiana Francesa para renovar seu documento:

“Faço formação de francês para aprender falar, a escrever e a ler, porque quando a gente vai renovar o documento eles sempre perguntam se tem diploma de formação. No caso eles querem que pessoa esteja aqui mais que se dedique a falar e a escrever. E agora

quem tá tirando documento para tirar a *sejour* de 1 ano é obrigação fazer tantas horas de francês...se tu não tiver...eles não te dão o teu documento...é obrigatório...é muito bom eles fazem a pessoa estudar. É incrível...é bom...a pessoa tem que aprender” (Paraense, natural de Chaves, 34 anos, chegou à Caiena em 2000).

Ao chegar para trabalhar em território francês esses imigrantes esbarram no choque cultural, já que a maioria não conhece o idioma, a cultura e os significados sociais sobre o que é viver na Guiana Francesa. Isso dificulta ainda mais a condição de ser clandestino. O que os submete a recorrer aos brasileiros “mais experientes” que já conhecem os trâmites para ter acesso aos serviços e documentos nos órgãos públicos, e até para fazer compras no centro da cidade por conta do perigo que a ocasião favorece de ser preso pela polícia. O fato é que eles pagam por esses serviços, inclusive durante a pesquisa de campo em Caiena, em uma conversa informal com uma amapaense, esta contou que costuma ganhar um dinheiro “extra” prestando esse “favor” aos brasileiros ilegais, mesmo ela não sendo legalizada também. Inclusive atualmente, uma das exigências do governo francês é que o estrangeiro saiba a língua francesa para expedir o documento mais almejado para quem está irregular em seu território a *Carte de Sejour*.

As estratégias empregadas por esses brasileiros ilegais para permanecer em território francês e ainda sua pré-disposição para enfrentar todos os riscos e qualquer tipo de adversidade, como, sair de casa para trabalhar ou resolver qualquer tarefa do cotidiano, os obriga a se valer de estratégias para despistar a polícia francesa, não ser expulso e nem preso. Para quem mora em território guianense o direito de ir e vir é preterido em função do direito de trabalhar, onde a primeira tarefa de qualquer candidato recém-chegado e que deseja trabalhar ilegalmente no DUF é conhecer os locais e horários que lhe é possível transitar, existe uma espécie de “toque de recolher” para quem é clandestino na Guiana Francesa.

Outra situação que esse trabalhador tem que assumir no mercado de trabalho guianense é sua invisibilidade, sua inexistência, seu anonimato. Os vexames pelo qual passam por não estarem documentados, submetendo-os a aceitar trabalho por um menor preço que o pago por um trabalhador legalizado. Suas histórias revelam uma situação de trabalho escravo e “calotes”, pois muitos patrões se negam a pagar o combinado tendo que fazer denúncia à polícia, “é como se os indocumentados fossem seres humanos inferiores, sem direito à voz e à liberdade de expressão” (Pinto, 2008, p. 218). Indicando inclusive um mercado paralelo em Cayenne, o qual vive da exploração dos imigrantes clandestinos, principalmente na construção civil, que os submete ao trabalho em condições subumanas. Após o serviço concluído os denunciam à polícia, como estratégia para não pagarem nem mesmo o combinado, que é praticamente menos da metade do pago ao trabalhador legalizado.

Nas conversas informais, os entrevistados declararam que apesar de trabalharem nestas situações, seu rendimento seria superior ao que estariam ganhando se estivessem trabalhando no Brasil, nas atividades de pedreiro, carpinteiros, domésticas, faxineiras, conforme mostrou a pesquisa de campo. Embora esses trabalhadores tenham uma renda superior ao que poderiam ter no Brasil, a forma como conseguem

seu sustento é negligenciado pelo sentimento de perda de auto-estima por estarem na condição de desempregados, desqualificados e despedidos de sua dignidade (BAUMAN, 2005).

Mesmo diante das dificuldades, incertezas e vulnerabilidade de ser um imigrante clandestino, os brasileiros tendem a insistir em sua permanência em território guianês mesmo após varias deportações, idas e vindas na fronteira. Como mencionado, muitos dos entrevistados tem a Guiana Francesa como seu novo lar, e os laços familiares e as novas relações estabelecidas no território firmam sua estabilidade, e diminuem a vontade de retorno ao Brasil.

“a minha vida melhorou 50% mais do que no Brasil, eu trabalhava todo dia e ganhava aquela mixaria, um salário mínimo no Brasil, que se você oferece para uma criança dessa ela não quer, não quer, deus o livre” (amapaense, 62 anos, chegou à Caiena em 2002).

Embora haja a vulnerabilidade nas relações de trabalho, os brasileiros alegam que trabalham menos e ganham mais na Guiana Francesa. O caso do depoimento acima, apenas demonstra a insatisfação dos brasileiros perante o tratamento e condições dentro das relações de trabalho no Brasil, cujo relato de uma diarista brasileira é mais elucidativo em relação as comparações que eles fazem entre Brasil e Guiana.

“normalmente a *ménage* que a gente faz não é declarada, então a gente meio que não conta. Assim, mas uma *ménage* que as vezes eu faço é 45 euros e não é muitas horas de tempo não, umas 4 a 5 horas de trabalho numa casa tu faz 45 ou 40 euros. No caso no Brasil não é isso, uma diária de uma diarista é o dia todo de trabalho e geralmente faz tudo. Aqui não, as vezes é só para passar roupa, eles são muito humanos, não precisa terminar, acabar tudo no dia, deu a hora...porque essa parte de limpeza é por hora, pra eles terminou ou não, terminou” (Paraense, 34 anos, chegou à Caiena em 2000).

As motivações da migração brasileira para a Guiana Francesa, desde o princípio estiveram atrelados aos ganhos financeiros superiores ao do Brasil. No entanto, outros fatores se somam dentro deste contexto na realidade atual deste imigrantes, como as oportunidades de acesso à assistência social como, saúde e educação, negligenciados para a maioria desses imigrantes em solo brasileiro. A mesma entrevistada (depoimento acima) depõe que na Guiana ela pode adquirir um poder de consumo que no Brasil nunca teve, os brasileiros são assistidos nos hospitais por meio do pagamento anual de um seguro, que inclusive pode ser pago por um clandestino. Seus filhos podem estudar em escolas públicas na Guiana, que oferecem um ensino de qualidade que nunca teriam em escolas brasileiras. Além disso, diversos depoimentos indicam que nas escolas da Guiana Francesa é permitida a matrícula de crianças brasileiras, sejam com pais legalizados ou clandestinos.

A migração para o DUF por parte dos brasileiros esta no contexto histórico do fascínio do “ouro” e do “euro” na fronteira franco-brasileira, uma ilusão legendária do *Éldorado*, que segundo POLICE (2010) assume um papel chave dentro da dinâmica e organização das representações e símbolos que estruturam o imaginário dessa interação. “La Guyane est, dans le regard des brésiliens qui la découvrent, une terre

promise, un mythe à portée de la main” (POLICE, 2010, p. 57)¹³, mas este contexto não é o suficiente para justificar não a presença, mas a permanência destes imigrantes em território francês. Hoje a possibilidade de elevados rendimentos, comparados aos salários no Brasil, não ancora isoladamente o fascínio dos brasileiros pela Guiana Francesa. O acesso a proteção social e de saúde que o Estado francês oportuniza mesmo aos que são clandestinos, contam na decisão do não retorno ao Brasil.

4 Considerações finais

Os brasileiros clandestinos na cidade de Caiena atendem a uma demanda externa, em condições de subtrabalhos, alimentados pela migração de trabalhadores de baixa renda, pouca escolaridade e qualificação profissional. Deve-se atentar que este é um espaço de fronteira, e neste sentido, compreender que se trata de uma fronteira que atrai sujeitos excluídos socialmente, que migram em busca de espaço para prover sua (sub)existência. Fronteira esta que se comparada às outras áreas fronteiriças do país, onde o Brasil figura como Estado economicamente forte e por isso receptor de imigrantes, aqui se apresenta uma relação inversa, nesta fronteira pesquisada o Brasil é o lado pobre, atrasado, e exportador de excluídos.

Também, em relação às pesquisas sobre a presença de imigrantes brasileiros em países como os Estados Unidos e Canadá, comparadas aos imigrantes na Guiana Francesa, vê-se que o perfil desses trabalhadores se difere em relação à classe, qualificação, condições de vida, aspectos que merecem referencia as múltiplas experimentações do ser imigrante no contexto global, mas que ao final o ponto em comum acaba sendo, como indica Bauman (2005), o refugio humano da modernidade, o excesso, o descartável.

Na realidade, os depoimentos de clandestinos e legais relatados revelam pessoas que vivem um paradoxo, suas condições de vida e trabalho estão abaixo do mínimo aceitável para os padrões do Estado francês, mas as remunerações que conseguem em subtrabalhos no Departamento estão acima dos ganhos que estes brasileiros auferiam em sua pátria, razão pela qual “escolhem” a invisibilidade, exclusão e tensão em território estrangeiro em detrimento do desemprego e miserabilidade que são submetidos no Estado brasileiro. A vida de brasileiros na Guiana Francesa é de clandestinos imergidos em clandestinidade, na dura realidade de cidadão brasileiro descartável e imigrante ilegal (in)visível, esta é a condição do “ser imigrante” vivida pelos brasileiros na Guiana Francesa.

Referencias

- ANDRADE, Rosemary Ferreira de. **Malária e migração no Amapá: projeção espacial num contexto de crescimento populacional**. – Belém: NAEA, 2005.
- ANTUNES, Ricardo. **Adeus ao trabalho?: ensaio sobre as metamorfoses e a centralidade do mundo do trabalho**. – 12 ed. – São Paulo: Cortez, Campinas, SP: Editora da Universidade Estadual de Campinas, 2007.

¹³ A Guiana é, do ponto de vista dos brasileiros que a descobrem, uma terra prometida, um mito ao alcance da mão (tradução nossa).

- AROUCK, Ronaldo de Camargo. **Brasileiros na Guiana Francesa: fronteiras e construções de alteridades**. – Belém: NAEA/UFPA, 2001.
- ENGELS, Friedrich. **O papel do trabalho na transformação do macaco em homem**. Rio de Janeiro: Global Editora, Universidade popular, 4ª edição, 1990.
- FORREST, Viviane. **O horror econômico**. Tradução de Álvaro Lorencini. – São Paulo: Editora da Universidade Estadual Paulista, 1997.
- FRANCE. **Recensement de la population: populations légales en vigueur à compter du 1^o janvier 2010**. – Guyane: INSEE, dezembro 2009.
- MARTINS, Rosiane Ferreira. **Brasileiros em situação clandestina na Guiana Francesa: uma etnografia das relações e representações sociais entre migrantes**. Dissertação (Mestrado). – Belém: IFCH/UFPA, 2010.
- MARX, Karl. **O Capital, crítica da economia política. Livro 1 – O processo de produção do capital**. Tradução de Reginaldo Sant’Anna. – Rio de Janeiro: Bertrand Brasil. Vol. 1, 12ª ed., 1988.
- PIANTONI, Frédéric. **L’enjeu migratoire em Guyane française: une géographie politique**. – Matoury - Guyane: Ibis Rouge Editions, 2009.
- PINTO, Manoel de Jesus de Souza. **O fetiche do Emprego: um estudo sobre relações de trabalho de brasileiros na Guiana Francesa**. Tese (Doutorado). – Belém: NAEA/UFPA, 2008.
- POLICE, Gerard. **Êxodo: Le discours brésilien sur la Guyane française**. – Matoury - Guyane: Ibis Rouge Editions, 2010.
- SANTOS, Milton. **O retorno do território**. In: Debates: Território y movimientos sociales, ano VI nº 16, enero-abril, 2005, p. 250-261.
- SOARES, Ana Paulina Aguiar. **Travessia: análise de uma situação de passagem, Oiapoque e Guiana Francesa**. Dissertação de Mestrado. São Paulo: USP, 1995.
- TARAVELLA, Romain. **De la mine a la vitrine: État des lieux & perspectives de la traçabilité de l’or guyanais**. – Guyane: WWF, octobre 2009.
- TRINDADE JUNIOR, Saint-Clair Cordeiro da. **Pensando a noção de fronteira: um olhar a partir da ciência geográfica**. In: DURBENS, Martins Nascimento (org.). Amazônia e defesa: dos fortes às novas conflitualidades. – Belém: NAEA/UFPA, 2010, p. 101-124.

Artigo recebido em 01 de dezembro de 2011.

Aprovado em 30 de dezembro de 2011.